

**A MISERICÓRDIA EM MEIO À VIOLÊNCIA NO
ISRAEL PÓS-EXÍLICO:
Ex 32–34 à luz de Nm 13–14**

*Fabrizio Zandonadi Catenassi**

Resumo

Uma das narrativas mais intensas sobre o pecado do povo no contexto do Sinai é também um dos relatos de maior misericórdia, graça e bondade na Bíblia: o episódio da construção do bezerro de ouro e o consequente perdão divino e renovação da aliança (Ex 32–34). O objetivo deste artigo foi avançar teologicamente nos temas da misericórdia de Yhwh reveladas em Ex 32–34, com particular ênfase na teofania presente em Ex 34,6-8 e à luz de Nm 13–14. O texto será considerado a partir de uma abordagem socioliterária, que destacará aspectos redacionais pós-exílicos. Foram desenvolvidos os temas da ira e vingança divinas, do pecado incorrigível dos israelitas e da punição violenta. Em contrapartida, foi identificada uma teologia da misericórdia construída no texto, explicitada por suas relações com Nm 13–14. Mais além do pecado do bezerro de ouro, há o amor de Deus que tudo perdoa, faz e refaz aliança e põe o povo novamente a caminho. É o rosto misericordioso de Deus revelado no Sinai que acompanha a peregrinação do povo e o leva rumo à terra prometida.

Palavras-chave: *Aliança. Bezerro de ouro. Violência. Misericórdia. Números.*

Abstract

One of the most intense narratives about peoples sin in the context of Sinai is also one of the narratives of largest mercy, grace and goodness in the Bible: the episode of the golden calf's construction and the consequent divine forgiveness and renewal of the alliance. The purpose of this article was advance theologically in the topics of Yhwh's mercy revealed in Ex 32-34, with particular emphasis in the theophany present in Ex 34,6-8

* Mestre e doutorando em Teologia pela PUCPR. Professor de Sagrada Escritura no Centro Universitário Católico de Santa Catarina e na pós-graduação em Teologia Bíblica da PUCPR.

and in the light of Nm 13-14. The text will be considered from a social and literary approach, which will highlight after exile structural aspects. The divine wrath and revenge topics were developed, and also the Israeli incorrigible sin and the violent punishment. On the other hand, a mercy theology constructed in the text was identified, explained by its relation with Nm 14-14. Beyond sin of the golden calf, there is God's love which forgives everything, does and redoes alliance and puts the nation on the way again. It is the merciful face of God revealed in the Sinai who follows the people's pilgrimage and takes them towards the Promised Land.

Keywords: Alliance. Golden calf. Violence. Mercy. Numbers.

1. Introdução

Um dos episódios mais drásticos de pecado do povo no contexto do Sinai é também um dos relatos de maior misericórdia, graça e bondade na Bíblia: o relato da construção do bezerro de ouro e o conseqüente perdão divino e a renovação da aliança. É um texto que estabelece relações próximas com outras passagens do Antigo Testamento (p. ex.: 1Rs 12,25-32), registrado e interpretado pelas histórias deuteronomista e cronista (Dt 9,7-21; Nm 9,28), citado por diferentes salmos (Sl 105,19; 145,7) e pelo Novo Testamento (At 7,41). Se, por um lado, há a forte imagem do derramamento de sangue impiedoso em 32,27-29, por outro, a misericórdia e a graça são tão conectadas com a natureza de Deus que destacam a passagem no conjunto do Pentateuco.

Provavelmente, o texto tem formatos originais bastante antigos, como uma tradição do culto de Baal Peor, etiologias do culto do santuário de Betel e da origem do sacerdócio levítico¹. Estes textos passaram por uma edição tardia para transformar a história em um modelo de conversão a Yhwh, valorizando os aspectos misericordiosos de Deus, com traços muito próximos da corrente do Deuteronomio. Reflete o juízo feito sobre o Reino do Norte na História Deuteronomista², especialmente quando lido junto à história de Jeroboão em 1Rs 12-13. Em sua forma final, constituiu um grande relato teológico de unidade bem-definida³, construída em um grande arco de tempo, que apresenta o povo como de dura cerviz (Ex 32,9; 34,9) e dá as bases para a história de Israel, à medida que, em muitos outros momentos, os israelitas optarão pelos novos bezerros de ouro que aparecerão.

Diante disso, o objetivo deste artigo foi avançar teologicamente nos temas da misericórdia de Yhwh reveladas em Ex 32-34, com particular ênfase na teofania

1. HOUTMAN, C. *Exodus*. Leuven: Peeters, 1999, v. 3, p. 619.

2. DOZEMAN, T.B. *Commentary on Exodus*. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 2009, p. 690-691.

3. Esta é a opinião de grande parte dos exegetas que estudam Êxodo. Para uma apreciação mais ampla das diferentes posições, ver: BARBIERO, G. *Dio di misericordia e di grazia: La rivelazione del volto di Dio in Esodo 32-34*. Casale Monferrato: Portalupi, 2000, p. 12-13; DOZEMAN, *Commentary on Exodus*, p. 691-692.

presente em Ex 34,6-8 e à luz de Nm 13–14. O texto será considerado a partir de uma abordagem socioliterária, que destacará aspectos redacionais pós exílicos.

2. Um relato de ira e vingança

O final do cap. 31 apresenta importantes luzes para compreender a seção presente entre os caps. 32–34 de Êxodo. Deus entrega a Moisés as duas tábuas do Testemunho, gravadas com o próprio dedo de Deus (Ex 31,18-19). É de interesse divino selar sua aliança com o povo e o grande sinal de que estão unidos em um contrato claro de direitos e deveres é o pacto selado com seu código de conduta. Ele não funcionaria como um código legal aos moldes de nossa legislação atual; mais, seria uma instrução para o povo, que permitiria que caminhassem em solo firme junto a Deus e ganhassem, ao longo da caminhada, os traços éticos e morais que garantiriam a preservação da aliança feita.

2.1. *O bezerro de ouro: um pecado incorrigível dos israelitas*

De uma maneira muito vívida e habilidosa, o redator final do Êxodo interpola duas cenas contrastantes. A primeira, aos pés do monte, apresenta a alegria do povo que canta por ter sido reestabelecido o lugar de liderança que havia sido desocupado por Moisés: agora têm o bezerro de metal que exerce a função de um deus (*'ēlōhîm*, Ex 32,1) que vá à frente do povo. A segunda acontece no cume do Sinai, onde Moisés escuta o julgamento de Yhwh sobre o povo: eles se arruinaram⁴, uma vez que não estão no caminho que havia sido proposto por Deus. A resposta de Deus à infidelidade é dura: sua decisão é pelo rompimento do vínculo com Israel, uma vez que a razão da existência do povo foi perdida à medida que tomam a decisão de construir outro Deus que substitua o que os havia libertado do Egito.

Rejeitar a direção de Moisés e de Deus no deserto e escolher outro líder significa ir contra todo o projeto de salvação construído por Yhwh. No deserto, é indispensável ter um guia que apresente os melhores caminhos e garanta uma viagem em segurança. O livro de Números resgata esta necessidade na história de Hobab (Nm 10,29-32), o cunhado madianita de Moisés que é convocado para acompanhar o povo saído do Egito na busca pela sobrevivência em terra desértica e desconhecida, chamado por Moisés de “nossos olhos”. Êxodo é mais incisivo, apresentando um anjo de Deus que vai à frente do povo preparando o caminho e conduzindo-os ao lugar determinado para habitarem (Ex 23,20).

Neste caso, a dimensão deuteronomista apresenta sua força, ao identificar o anjo com o próprio Nome de Deus e ao sublinhar que neste nome não há

4. O termo muitas vezes é usado no Pentateuco no sentido de estragar, inutilizar algo que se rompe, danificar, ruir (Ex 8,20; 21,26; Lv 19,27; Nm 32,15).

perdão para a transgressão (Ex 23,21-24). Todos os pecadores devem ser punidos, especialmente se incidirem na idolatria dos povos cananeus. Especialmente no pós-exílio, período da última redação deuteronomista, que vai influenciar a construção do Pentateuco, havia uma premente necessidade de resposta para o sofrimento e dominação estrangeira aos quais os israelitas estavam submetidos. Uma das alternativas foi enxergar a história de Israel como um grande pacto elaborado entre Deus e o povo, que é rompido todas as vezes que os israelitas rejeitam o monoteísmo e se deixam atrair pelos cultos locais. Esta teologia de condenação e chamado à conversão é fundamental para garantir a manutenção da fé e reconstrução da religião israelita no período persa.

É nesse sentido que o pecado do povo no relato final de Ex 32–34 é marcadamente um pecado contra o monoteísmo e a imagem do bezerro logo se transforma em um substituto a Yhwh. O povo opõe a liderança de um homem (*'iš*), Moisés e o deus (*'ēlōhîm*⁵) que querem que Aarão faça (32,1). Contudo, a imagem não é colocada no lugar de um líder humano, é um resguardo de direção divina tomada como se fosse o próprio Yhwh: “Este é o teu deus, Israel, que te fez subir da terra do Egito!” (Ex 32,4); “Amanhã haverá uma festa para Yhwh” (Ex 32,5).

Esta ação de Aarão e do povo é um ataque contra a aliança no Sinai. Na construção da teologia do êxodo a abertura do decálogo é feita com a reafirmação de que Yhwh é o deus do povo, que os fez sair da terra do Egito (Ex 20,2), seguida do primeiro mandamento: “Não terás outros deuses diante de mim” (Ex 20,3). Mais: em preparação ao decálogo está o diálogo de Moisés que predispõe o povo à proposta de Deus. Ali, ao ser chamado a configurar uma nação santa e um reino de sacerdotes, o povo responde de maneira pronta e sem subterfúgios: “Tudo o que Yhwh nos disse, nós o faremos” (Ex 19,8).

Contudo, tão logo caem no anátema e levantam-se para divertir-se (*leṣahēq*, Ex 32,6) diante da imagem recém-fabricada. Houtman defende que, da mesma forma que Sansão entreteve os filisteus, os israelitas entretinham a divindade com música e cantos. Assim como as mulheres queriam honrar e entreter Saul e Davi (1Sm 18,6), os israelitas queriam agradar e honrar o deus representado pela imagem⁶. À luz de oferecer holocaustos e apresentar sacrifícios de comunhão, o termo *leṣahēq* deve indicar uma festa entusiástica, como uma parte normal do culto a Yhwh, agora dedicada à imagem de ouro. A grande ofensa é que é celebrada para o deus-bezerro.

O resultado do pecado é uma alienação geral que rouba a dimensão do projeto salvífico de Yhwh e de caminhada para a terra prometida: o povo estava

5. No texto, os verbos que seguem o bezerro estão no plural, o que é causa de bastante discussão entre os exegetas. Muitos entendem aqui a relação de parentesco bem próxima entre Ex 32–34 e 1Rs 12,25-32, uma vez que, no livro dos Reis, Jeroboão faz dois bezerros de ouro no templo que constrói após o cisma entre o Reino do Norte e o Reino do Sul (HOUTMAN, *Exodus*, p. 632). Preferi manter os verbos no singular.

6. HOUTMAN, *Exodus*, p. 643.

“desenfreado” (Ex 32,25). Este é um tema bastante caro na volta do exílio. Era preciso mostrar para o povo sofrido que permanece na terra, desolada e campo de disputas, que Deus se mantém fiel às suas promessas e que esta terra, bênção prometida aos pais, estende-se aos filhos como herança e nunca se converte em maldição. Para isso, a explicação teológica do exílio é colocada como paradigma de fé que deve mover todo o processo de reconstrução de Israel: a porta de entrada para o mal e a dominação estrangeira é o pecado dos homens! Por isso, aqueles que pecam e reincidem no pecado são incorrigíveis e devem ser punidos com intensidade, para que o erro de uns não seja a condenação de todo o povo.

2.2. A punição violenta

Diante do maior pecado do povo em Êxodo⁷, os redatores finais mostram que é preciso que o julgamento de Yhwh puna todos os culpados, mas não se manifeste para todo o povo, abrindo caminho para a conversão. Entretanto, para aqueles que permanecem convictos de que Yhwh deve ser substituído, não há piedade, esses devem ser destruídos. Dozeman mostra que há uma tradição transmitida em Ex 32–34 que está presente no livro dos Provérbios: “Um homem que permanece com dura cerviz depois de muitas repreensões deve ser destruído de repente” (Pr 29,1). Utiliza-se aqui o mesmo termo hebraico com o qual Deus define o povo em Ex 32,9: “dura cerviz” (*qešēh-’ōrep*). Segundo Dozeman, assim como Deus destruiu o povo com o dilúvio, agora pede para que Moisés o deixe (*hanniḥā*) construir a partir do líder um povo novo, usando um termo que lembra o nome de Noé (*nōaḥ*, “descansar”)⁸.

Mais: uma marca do pós-exílio é a necessidade absoluta de eliminar a influência dos povos circunvizinhos em Israel. Só assim seria possível construir uma identidade que lembrasse o passado do povo e projetasse uma fé monoteísta segura e constante. A gana de destruição dos ídolos estrangeiros é tão grande que o texto marca, em última instância, a transformação do bezerro de ouro em fezes e urina (32,20).

Ainda que em Ex 32 Moisés convoque o povo à conversão, somente os levitas respondem (Ex 32,26). Portanto, acentuada pela veemência em eliminar todo resquício de estrangeirismo no pós-exílio, há uma conclusão para o pecado da construção do bezerro: é impossível salvar o povo. Então, estão destinados à destruição por Yhwh. Só assim é possível entender por que o redator final, levan-

7. Anteriormente, mostrei como a murmuração dos israelitas ganha tons sérios em Ex 32 e Nm 14. Nos dois relatos, há mais do que lembranças idílicas do Egito: no primeiro, uma decisão clara de substituir a divindade que os guia. No segundo, além de pedir outro líder, decidem, de fato, retornar ao Egito (CATENASSI, F.Z. *O conflito de Cades [Números 14,1-38]: análise sincrônica e diacrônica*. 2014. 133 f. Dissertação [Mestrado em Teologia] – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2014, p. 75-76).

8. DOZEMAN, *Commentary on Exodus*, p. 706.

do ao extremo o zelo pela reconstrução e manutenção da fé em Yhwh, projeta como ordem divina um ato profundamente violento, o massacre generalizado feito pelos levitas, que exterminam três mil homens no acampamento (Ex 32,27-29). Tudo é narrado como uma vontade de “Yhwh, o Deus de Israel” (32,27), mas provavelmente reflete a ideologia pró-monoteísmo dos grupos que constroem as teologias no pós-exílio. Essa concepção também fundamenta os episódios de conquista da História Deuteronomista, que trabalham com dimensões de violência tão expressivas quanto de Ex 32 no episódio da violação do anátema por Acã (Js 7), por exemplo, ou na dinâmica pecado-castigo e conversão-salvação do livro dos Juízes.

A pergunta que emerge de Ex 32–34 é: Diante da apostasia de Israel, Yhwh continuará a morar no meio de seu povo e ser seu guia na caminhada pelo deserto? A resposta oferecida no cap. 34 é positiva: o Deus que seguirá junto de Israel e irá à sua frente é um Deus de perdão e de misericórdia⁹.

3. Uma teologia da misericórdia em meio à violência

Ao leitor dos textos de Ex 32–34, no entanto, não lhe resta somente a violência de Deus na base de sua natureza. O episódio vai além, mostrando que o rosto de Deus é desenhado pela beleza e misericórdia e somente nelas é possível encontrar a chave de interpretação para a punição divina. Os autores pós-exílicos não se interessam exclusivamente pela deserção de Israel e por seu pecado, mas também pela justiça e redenção de Yhwh. Seguem alguns detalhes do texto que ajudam a compreender a misericórdia de Deus.

A intercessão de Moisés, frequentemente explorada na literatura exegética¹⁰, é um grande sinal de como os autores pós-exílicos unem indissociavelmente a promessa de Deus ao povo. Este era um sinal de que a terra era um presente dado por Deus, mas com endereço claro: os israelitas. Os discursos de Moisés com Deus são salvaguardas desta relação inseparável entre promessa e o povo: a ira divina não pode consumir a todos, porque eles são continuidade dos primeiros testemunhos das promessas, os patriarcas (Ex 32,13); há a chance de conversão para qualquer um que tenha pecado (Ex 32,26); em última instância, o próprio Moisés identifica-se com o povo e usa esse argumento como atenuador da ira divina (Ex 32,32), dizendo que não devem ser vistos como o “povo de Moisés”, mas como povo de Yhwh (Ex 33,12).

9. SKA, J.L. *Introdução à leitura do Pentateuco*: chaves para a interpretação dos cinco primeiros livros da Bíblia. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2012, p. 46.

10. P. ex.: DOZEMAN, *Commentary on Exodus*; WIDMER, M. *Moses, God, and the dynamics of intercessory prayer*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2004.

Na estrutura do texto final, Moisés é identificado como o grande representante do povo junto a Deus a partir da tenda do encontro (Ex 33,7-11). Ali, sua função não é intimista e sim mediadora. Dessa forma, a entrada de Moisés na tenda pode ser vista como a entrada de todo o Israel no diálogo com a divindade, que fala com Moisés (seu povo) como um homem fala com seu amigo (Ex 33,11). É também para todo o povo que a glória de Deus se revelará ao permitir que Moisés o contemple pelas costas (Ex 33,18-27), como uma grande mostra que o pecado do povo é incapaz de destruir completamente a aliança, que permanece firme e estável, com Deus caminhando à frente do povo, mesmo pecador.

Para Childs, Ex 33 oferece uma ilustração excelente de pecado e perdão: Deus desce para verificar a transgressão do povo, mas constitui um mediador entre ele e seu povo, não para descontar a seriedade do pecado de Israel, mas para que este ofereça uma súplica à misericórdia de Deus com base na sua promessa anterior. Para o autor, a tensão entre julgamento e perdão permanece presente como um paradoxo, causado parcialmente pelo risco corrido pelo autor de manter o extremo antropomorfismo de Deus, que muda de ideia, como um sinal da seriedade com que considera a oração de seu intercessor¹¹.

Contudo, este paradoxo também pode representar a tensão existente entre duas linhas teológicas do pós-exílio: a sacerdotal e a deuteronomista. Em todo o cap. 33 de Êxodo, a transcendência de Deus não se revelará em sua avassaladora superioridade com relação ao homem, ou mesmo em uma visita julgadora e arrasadora, mas em sua bondade¹². Isso constitui um avanço na teologia sacerdotal e, em certa maneira, uma resistência a ela. Os sacerdotes, valorizando a absoluta santidade de Deus com relação ao povo, manifestam um projeto de salvação e retorno do exílio no qual a impureza é exterminada impiedosamente pela pureza divina. Na conclusão do relato sacerdotal está a condenação da geração pecadora e no castigo do povo idólatra. A teologia deuteronomista (ou pós-deuteronomista), dependendo das diferentes concepções sobre as redações deuteronomistas) traz em seus caracteres expressões da misericórdia de Deus que, por sua vez, manifestam a verdadeira conclusão da ação de Deus: a eleição inabalável por Israel, que se manifesta na bondade e misericórdia que seguem à intercessão de Moisés¹³.

Uma das seções que melhor manifesta a dimensão misericordiosa de Deus em Ex 32–34 está em Ex 34,6-7, que provavelmente reúne tradições muito antigas

11. CHILDS, B. *The Book of Exodus: a critical, theological commentary*. Louisville: Westminster John Knox, 2004, p. 599.

12. BARBIERO, G. *Dio di misericórdia e di grazia*, p. 118. O autor relembra a tradição de Oseias 11, na qual Deus, recordando o evento do êxodo e seu amor terno para com os israelitas, mesmo sabendo que mereceriam a destruição, decide poupá-los, “Porque eu sou Deus e não um homem, eu sou santo no meio de ti, não retornarei com furor” (Os 11,9).

13. ARTUS, O. *Aproximación actual al Pentateuco*. 2. ed. Navarra: Verbo Divino, 2003, p. 46-47.

e é reconhecida por exegetas como o centro dos caps. 32–34¹⁴ ou como a descrição mais compreensiva da natureza de Yhwh em toda a Bíblia¹⁵. Deus desce em uma nuvem e permanece junto a Moisés (Ex 34,5), como um dado teológico que reforça a condescendência divina. Essa revelação de Deus justamente fora de instituições como a tenda do encontro reforça a compreensão teológica de um Deus que não está longe da história¹⁶.

As mãos deuteronomistas que participam da construção do texto têm em mente a forma usual de contratos israelitas, no qual, além de um documento lavrado em duas cópias, apresenta-se o parceiro que oferece o contrato¹⁷. Porém, mais do que um contrato legal selado de forma jurídica, a forma de lavrar a nova aliança celebrada com o povo passa pela teofania, da mesma forma que na primeira doação das tábuas da lei, que também acompanhava uma grande manifestação de Deus a Moisés (Ex 19,9-15). Porém, nesta nova manifestação, os fenômenos naturais são substituídos pelo foco na fala de Yhwh¹⁸. É a misericórdia que acompanha e que restitui a ligação entre homem e Deus. Os israelitas voltam a ser “povo de Deus”. O pacto continua firme entre os dois lados. A grande marca disso são as tábuas de pedra. Com isso, Deus enfaticamente mostra que quer permanecer junto com seu povo, é uma resposta graciosa à idolatria de Ex 32.

O próprio Deus proclama seu nome¹⁹, assim como havia prometido em 33,19. Quando menciona seu nome – e, assim, sua identidade, natureza e reputação²⁰ –, também indica os qualificativos que o acompanham, usando uma série de termos que expressam um amor misericordioso. O primeiro é *hēn*, a “graça, benevolência, ternura” divinas que se abaixam em direção ao homem. O texto mostra que Moisés havia encontrado “graça” aos olhos de Deus (33,12.16.17)

14. BARBIERO, *Dio di misericórdia e di grazia*, p. 139.

15. WIDMER, *Moses, God, and the dynamics of intercessory prayer*, p. 169.

16. ARTUSO, V. Função judiciária da glória e da nuvem nos conflitos de liderança no deserto. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 33, 2009, p. 427.

17. SCHARBERT, Josef. *Esodo*. Brescia: Morcelliana, 2001, p. 159; BARBIERO, *Dio di misericórdia e digrazia*, p. 135.

18. HOUTMAN, *Exodus*, p. 709.

19. O sujeito da ação é duvidoso. Poderia ser Moisés. Os exegetas, em geral, aceitam a lógica do capítulo anterior e atribuem ao próprio Yhwh a proclamação de seu nome (BARBIERO, *Dio di misericórdia e di grazia*, p. 137; DOZEMAN, *Commentary on Exodus*, p. 733; HOUTMAN, *Exodus*, p. 707; CHILDS, *The Book of Exodus*, p. 603; PROPP, *Exodus 19–40: a new translation with introduction and commentary*. New York: Random House, 2006, p. 609; WIDMER, *Moses, God, and the dynamics of intercessory prayer*, p. 170). Widmer (*Moses, God, and the dynamics of intercessory prayer*, p. 170) reforça a sequência de diálogo entre Yhwh e Moisés a partir do Salmo 99, que seria um sumário litúrgico de Ex 34,6-7.

20. Propp (*Exodus 19–40*, p. 609) leva ao extremo esta manifestação divina de Deus e defende que o termo *šēm* pode ser compreendido com um nome composto, formado pelas 32 palavras que seguem nos v. 6-7, aos moldes dos longos nomes teológicos dados aos filhos de Isaías (Is 7,3; 8,3).

e essa graça permanece, mesmo depois do pecado do povo. Unida a ela está *raḥam*, o “amor, compaixão, ternura” de Deus, um amor entranhado e sensível, com traços maternos. A descrição segue mostrando um Deus lento para a ira²¹. A ira de Deus já havia aparecido em 32,10.11.12, mas nestes momentos, diante da intercessão de Moisés, Yhwh havia voltado atrás em sua decisão. Além disso, também é rico em graça e em um *hesed*, termo que carrega em si a dimensão de estabilidade, força, constância, trata-se de um amor leal, uma misericórdia estável²². Para o povo pecador, Deus se revela como uma misericórdia que não pode ser abalada pelo pecado.

Quando o cap. 33 anuncia esta teofania divina, valoriza a beleza e compaixão de Deus (Ex 32,19) e se cala diante da dimensão do julgamento e castigo, já indicando o peso desses diferentes elementos na definição da natureza divina: Deus é mais inclinado a perdoar que a punir²³, até mesmo quanto ao pecado do bezerro de ouro! Em 34,6-7, a fórmula vem acompanhada da justiça de retribuição de Deus, que, à luz da preparação do cap. 33, ganha um peso menor no desenho do rosto de Yhwh. Depois do ser de Deus, vem o agir: está sempre pronto a perdoar o pecado, mas não deixa o povo isento das consequências das suas faltas. Também na base da construção desse texto está a visão retributiva pós-exílica que busca nas faltas de Israel a explicação para as desgraças ligadas ao cativeiro babilônico e o alerta em forma quase que de ameaça: se o povo não se converter, sua infidelidade recairá em forma de maldições!

4. Relações teológicas entre Ex 32–34 e Nm 13–14

A dimensão da misericórdia divina em Ex 32–34 ganha força em uma comparação da teologia expressa em Ex 32–34 e no grande relato do pecado do povo no Oásis de Cades, narrado em Nm 13–14, quando Deus condena os israelitas a peregrinarem pelo deserto durante 40 anos²⁴.

21. Literalmente, “de narinas longas”, o que resgata o sentido metafórico de narinas, usado muitas vezes para demonstrar a ira divina (DOZEMAN, *Commentary on Exodus*, p. 733; PROPP, *Exodus 19–40*, p. 611-613).

22. SNAITH, N.H. *Leviticus and Numbers*. London: Thomas Nelson and Sons, 1967, p. 151.

23. PROPP, *Exodus 19–40*, p. 611.

24. Os dois relatos estabelecem relações literárias muito próximas. D. Hymes (*A pluriform analysis of Numbers 10.11–14.45*. 2010. 280 f. Tese [Doutorado em Filosofia] – University of Wales, Bangor, 2005, p. 234-235) conduziu uma análise intertextual do texto pluriforme de Nm 13–14 e defende uma ligação intertextual definitiva entre Nm 14,11-25 e Ex 32,7-14 no Texto Massorético. A análise do texto de Nm 13–14 na Septuaginta identifica ligações muito próximas com a grande trama desenvolvida em Ex 32–34. M. Noth (*Numbers: a commentary*. London: SCM, 1968, p. 109) diz que o diálogo entre Deus e Moisés segue o texto de Ex 32,9-14 e que o pedido de perdão (v. 19) é um apelo ao poder absoluto de Deus (v. 17), precedido por algumas palavras tiradas de Ex 34,6-7 (v. 18).

Para Wenham²⁵, o Pentateuco integra três grandes ciclos de narrativas que acontecem no Sinai, em Cades e em Moab, construídos a partir de tópicos semelhantes que perpassam os três ciclos e podem ser analisados em paralelo. O autor apresenta o relato de Nm 14 em paralelo a Ex 32. Os textos legislativos presentes em Nm 15 apresentam correlatos em Ex 34,18-28 e Lv 1-7. Talvez por não seguir uma mesma ordem nos relatos, o aparecimento da glória de Yhwh em Nm 1,10 não é apresentada sob a luz de Ex 34,5-9. Tanto no relato do bezerro de ouro quanto no conflito de Cades estão presentes o pecado do povo e a identificação de sua descrença com relação ao plano libertador de Deus. Ambas configuram-se como relatos de rebelião, contando com a intercessão de Moisés no julgamento da comunidade revoltosa e com uma conclusão apresentada em forma de castigo do povo.

A fórmula da graça é um dos elementos que unem o relato de Nm 13-14 a Ex 32-34: a misericórdia de Deus é pressuposto para que Ele não precise romper com seu juramento²⁶. As consequências de um juramento violado são arrasadoras para quem o faz. Entretanto, além das semelhanças, o autor também apresenta as rupturas: uma vez que os homens já haviam rompido com Deus no Sinai e que as leis em Números vinham como uma resposta de Deus às iniquidades dos homens para que compreendessem na prática a aliança do Sinai, o castigo de Números é extremamente mais severo que em Êxodo.

Artus²⁷ afirma que o relato de Nm 13-14 em sua forma antiga constitui uma íntima relação com o relato antigo de Ex 14, mas formando seu “negativo”. À falta de fé de Ex 14,31 corresponde a falta de fé em Nm 14,11, em tons mais severos. Assim, Números é desenhado em um panorama mais negativo que Êxodo, ressaltando a força ética das ações de Israel e a necessidade de compreenderem as consequências de suas atitudes de afastamento de Deus. Acentua-se a pedagogia gradual que vai costurando o texto no projeto do Pentateuco: chegando mais próximo da terra prometida, supõe-se que a obediência à Lei durante a caminhada tornou os israelitas aptos a entrarem na terra e coroarem o projeto libertador de Yhwh. As manifestações contrárias a esta realidade, portanto, merecem uma punição severa, porque mostram a imaturidade de Israel e sua incapacidade de inserir-se no plano de Deus, ainda que estivesse prestes a encontrar cumprimento.

Por isso, em Nm 13-14, os traços deuteronômicos que denotam a misericórdia divina são mais sutis e não privilegiam a revelação de Deus em detrimento do castigo pela falta do povo, mesmo que se possa compreender a justiça retributiva em Nm 13-14 como uma manifestação da pedagogia divina segundo a ideologia

25. WENHAM, J. G. *Números: introdução e comentário*. São Paulo: Mundo Cristão, 1991, p. 19-20.

26. OTTO, E. *A lei de Moisés*. São Paulo: Loyola, 2011, p. 76-77.

27. ARTUS, *Aproximación actual al Pentateuco*, p. 36.

pós-exílica e a não destruição do povo e manutenção da promessa como indicadores do amor estável de Deus que garante o cumprimento do projeto do Êxodo²⁸.

Considerações finais

Este artigo propôs avançar teologicamente nos temas da misericórdia de Yhwh reveladas em Ex 32–34. O texto é pastoralmente bem conhecido, especialmente pelo episódio do bezerro de ouro e pela glória de Yhwh revelada a Moisés, escondido na fenda da rocha. Trata-se de uma passagem que ecoa em todo o Antigo Testamento e chega ao Novo Testamento, como uma mostra da lealdade de Deus para com seu povo e da manutenção da promessa de salvação que, interrompida pela idolatria de Israel, tem que ser retomada pelo amor misericordioso de Deus que perdoa mais que condena.

A dificuldade para compreender as seções de violência destes dois capítulos pode ser atenuada quando a função social do texto é enxergada no berço de sua última redação, o período pós-exílico. Ali, diferentes escolas teológicas fazem emergir respostas aos desastres sócio-históricos de Israel, que manifestam uma catástrofe muito maior na fé do povo²⁹. A escola deuteronomista aposta na leitura dos acontecimentos pela ótica da aliança. Isso faz com que o binômio pecado-castigo seja levado ao extremo, de forma que a submissão a povos estrangeiros seja lida como um peso que Deus impõe ao povo pela sua infidelidade. Para essa teologia, é lícito que Deus castigue os infiéis. Ainda mais, as exigências de purificação da fé de Israel das influências estrangeiras fazem com que a apostasia seja punida por Deus nos relatos produzidos nesta teologia com um castigo violento. Esta não seria somente a forma lícita de Deus atuar, diante do contrato de aliança feito entre Israel e Yhwh, mas a forma mais lógica do agir divino em face à infidelidade do povo que afrontava a fidelidade de Deus. Assim, o destino de Israel estava cada vez mais conectado à obediência a Yhwh.

Contudo, a teologia deuteronomista vai além e também se fundamenta no binômio conversão-salvação. Por isso salvaguarda as dimensões da misericórdia de Deus com muito mais peso que seu juízo castigador e coloca o amor como uma ideia essencial de sua teologia³⁰. Ex 32–34 mostra Moisés como um destinatário privilegiado da benevolência de Deus, que se manifesta de forma teofânica revelando seu nome e as características que estão na base de sua natureza, especialmente a

28. CATENASSI, *O conflito de Cades (Números 14,1-38)*, p. 120-124.

29. Gerstenberger (*Teologias no Antigo Testamento: pluralidade e sincretismo da fé em Deus no Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 249-325) apresenta muito bem as conflitantes teologias e a maneira como estão conectadas com as normas de vida comunitária do pós-exílio e com o culto em Israel neste período.

30. GUNNEWEG, A.H.J. *Teologia Bíblica do Antigo Testamento: uma história da religião de Israel na perspectiva bíblico-teológica*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 304.

misericórdia. Contudo, vimos como Moisés é a figura representativa do povo, um papel do qual não abre mão mesmo diante da oferta divina de iniciar um novo povo a partir dele.

Dessa forma, aceitando esta representatividade, ao manifestar-se para Moisés, Deus também está revelando-se para todo o Israel. Sua insistência na aliança, que passa pela teofania, pela posição de Deus à frente do povo – que, por sua vez, pode enxergá-lo pelas costas – e, ao fim, pela restauração das tábuas da lei (Ex 34,29), garante em sua identidade o desejo absoluto de salvar seu povo. O Deus que se revela faz um movimento que transcende, ecoa no tempo e na história e tem como fim último a manutenção de sua promessa de dar descanso aos peregrinos saídos do Egito (Ex 33,14). Este *kairós* tem traços de misericórdia, um amor estável que ganha marcas de ternura maternal, um sentimento entranhado, que explode na forma de perdão. Ainda assim, as tensões entre as diferentes teologias do pós-exílio e a necessidade de explicar o sofrimento passado e projetar a reconstrução de Israel não permitem que o povo esqueça que o pecado é sempre maldição e não está isento de punição. O perdão divino não pode ser operacionalizado como uma desculpa cômoda para que os israelitas voltem à condição de uma fé banalizada e ritualística de antes do exílio.

Isso fica evidente na passagem de Nm 13–14: se o povo não tem atitudes novas no caminho do deserto, são proibidos de entrar na terra. Ali, a misericórdia se faz presente no discurso de Moisés, mas, diferente de Ex 32–34, não é a conclusão da história, marcada pelo castigo dos culposos (Nm 14,36) e pela derrota nas mãos dos amalecitas e cananeus (Nm 14,39-45). O final cheio da condenação divina em Nm 13–14 ilumina os traços misericordiosos do texto de Êxodo. Mais além do pecado do bezerro de ouro, a chave de ouro que encerra a narrativa é o amor de Deus que tudo perdoa, faz e refaz aliança e põe o povo novamente a caminho. É o rosto misericordioso de Deus revelado no Sinai que acompanha a peregrinação do povo e o leva rumo à terra prometida.

Referências

- ARTUS, O. *Aproximación actual al Pentateuco*. 2. ed. Navarra: Verbo Divino, 2003.
- ARTUSO, V. Função judiciária da glória e da nuvem nos conflitos de liderança no deserto. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 33, p. 418-428, 2009.
- BARBIERO, G. *Dio di misericordia e di grazia*: La rivelazione del volto di Dio in *Esodo* 32–34. Casale Monferrato: Portalupi, 2000.
- CATENASSI, F.Z. *O conflito de Cades (Números 14,1-38): análise sincrônica e diacrônica*. 2014. 133 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2014.
- CHILDS, B. *The Book of Exodus: a critical, theological commentary*. Louisville: Westminster John Knox, 2004.

- DOZEMAN, T.B. *Commentary on Exodus*. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 2009.
- GERSTENBERGER, E.S. *Teologias no Antigo Testamento: pluralidade e sincretismo da fé em Deus no Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 249-325.
- GUNNEWEG, A.H.J. *Teologia Bíblica do Antigo Testamento: uma história da religião de Israel na perspectiva bíblico-teológica*. São Paulo: Loyola, 2005.
- HOUTMAN, C. *Exodus*. Leuven: Peeters, 1999. v. 3.
- HYMES, D. *A pluriform analysis of Numbers 10.11–14.45*. 2010. 280 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – University of Wales, Bangor, 2005.
- NOTH, M. *Numbers: a commentary*. London: SCM, 1968.
- OTTO, E. *A lei de Moisés*. São Paulo: Loyola, 2011.
- PROPP, W.H.C. *Exodus 19–40: a new translation with introduction and commentary*. New York: Random House, 2006.
- SCHARBERT, Josef. *Esodo*. Brescia: Morcelliana, 2001.
- SKA, J.L. *Introdução à leitura do Pentateuco: chaves para a interpretação dos cinco primeiros livros da Bíblia*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2012.
- SNAITH, N.H. *Leviticus and Numbers*. London: Thomas Nelson and Sons, 1967.
- WENHAM, J.G. *Números: introdução e comentário*. São Paulo: Mundo Cristão, 1991.
- WIDMER, M. *Moses, God, and the dynamics of intercessory prayer*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2004.

Fabrizio Zandonadi Catenassi
Rua Dep. Mário de Barros, 1050, ap. 12
Juvevê
80530-280 Curitiba, PR
fabrizio.catenassi@catolicasc.org.br